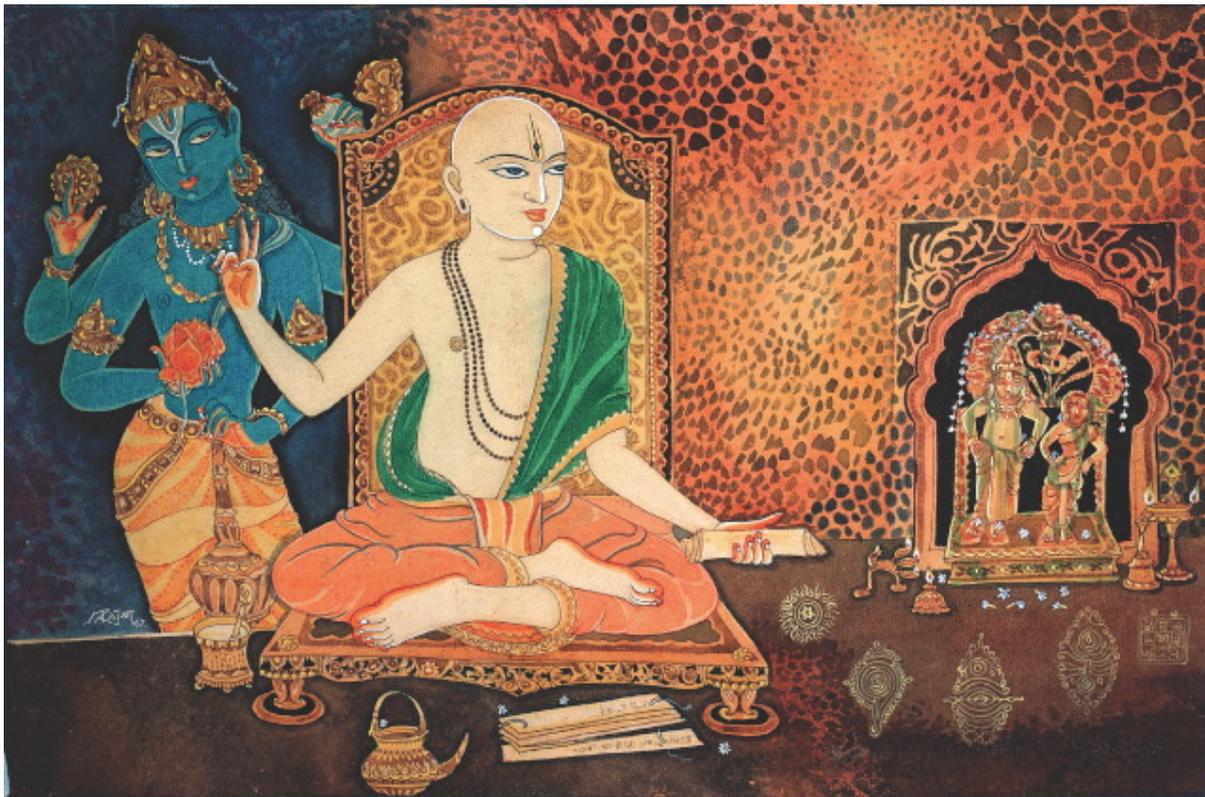


Conhecendo o Vedanta como ele é



*sac-chid-ananda-rupaya krishnayaklishta-karine
namo vedanta-vedyaya gurave buddhi-sakshine
(Gopala-tapani Upanishad 1.1)*

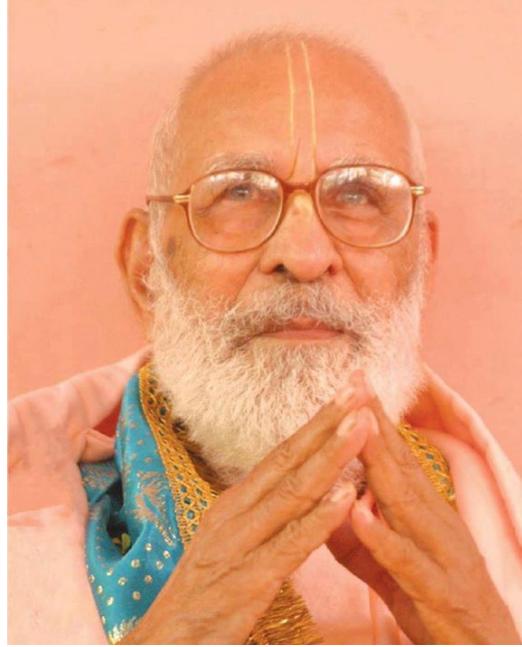
“Ofereço minhas reverências a Shri Krishna, que é a personificação da eternidade, conhecimento e bem-aventurança; que é o principal sujeito descrito no Vedanta; que sem esforço algum cria, mantém e destrói todo o universo; que liberta Seus devotos dos cinco tipos de sofrimentos, começando pela ignorância; e que é nosso guru. Como guru, Ele ilumina a inteligência de todos e é a testemunha absoluta de nossas atividades.”

com

Swami Bhaktivedanta Mahavir

Dedicado ao meu mais amado Gurudeva,

Sri Srimad Bhaktivedanta Narayana Gosvami Maharaja



*nārāyaṇam gurum-vande śaranyam bhakta-bāndhavam
gaura-manobhistam pūrnām rādhā-dasyam-pradāyakam*

*rūpānugācārya-varyam rūpa-mañjarī-preṣṭhakam
patita-pāvana-bāndhavam yugācārya nārāyaṇam*

*mahā-bhāva sri-vigraham rādhā pranaya mahima
kali-yuge pracaraka guru narayana vande'ham*

*rādhā-pakse, radha-priye rādhā pranaya sevike
rādhānanda vidaiyne ramana mañjarī caranam vande*

Introdução

Por mais complicado que possa parecer, o Vedanta não se propõe ao exercício da filosofia analítica ou da lógica, muito menos é um tratado sobre a teoria do conhecimento, ou ainda um alfarrábio litúrgico. O Vedanta é, antes de tudo, uma experiência real de amor divino, uma vivência ímpar de sublimação dos sentidos materiais, permitindo que estes alcancem um estado de absorção completa na bem-aventurança transcendental, através do serviço devocional ao Senhor Supremo. Portanto, o Vedanta é a consumação do nosso relacionamento eterno com o Senhor Supremo, com a Verdade Absoluta, que nos é revelado através da liturgia primogênita, conhecida historicamente como Vedas.

Vedanta significa a essência ou a conclusão dos Vedas, e seu estudo sistematizado nos revela que a função eterna da alma é amar e servir o Senhor Supremo. Em todo relacionamento, pressupõe-se a relação entre no mínimo duas pessoas. Baseado nisto, o Vedanta nos apresenta quem é a Pessoa Suprema com a qual devemos procurar nos relacionar através do processo de Bhakti-yoga: União através do serviço devocional.

O Vedanta parte do princípio de que somos cada qual uma alma individual, única, eternamente distintas umas das outras e de Deus, e cuja natureza intrínseca é amar. Porém, este potencial para amar só encontra sua expressão máxima quando direcionado exclusivamente para o serviço amoroso prestado ao Senhor Supremo. É somente em contato com a Pessoa Suprema que a alma tem a oportunidade de expressar todo este potencial.

A inclinação inata da alma para amar e servir ao Senhor Supremo é chamada de Dharma. E a expressão dessa individualidade, no que diz respeito à poética deste Dharma, é o modo único e insubstituível pelo qual cada um de nós pode prestar este serviço.

Todos temos um propósito superior na vida, um talento especial que desejamos compartilhar com o mundo, a fim de poder servi-lo. No entanto, este talento único só alcança a perfeição máxima quando empregado no serviço a Pessoa Suprema, a qual recebe o nome de Krishna. É servindo Krishna que nos será concedida a chance de experimentarmos a plenitude de nossa própria razão de ser e existir.

Os ensinamentos do Vedanta se destinam a nos ajudar a compreender este Dharma eterno, como o desdobramento da perfeição – quando tudo o que pensamos, dizemos ou fazemos, serve exclusivamente ao propósito mais elevado de amar e servir a Suprema Personalidade de Deus, Krishna. Amor é um verbo transitivo. Quem ama, ama alguém. Por isso, dizer que todos somos um e o mesmo, aniquila a possibilidade de amar e servir, posto que só haverá um sujeito sem objeto algum. No entanto, o Vedanta nos explica que, em toda a existência, só há um Sujeito e que todos nós somos Seus objetos relativos.

Infelizmente, são muitos os autores que descrevem o Vedanta como uma filosofia que prega a unidade indistinta entre a alma e Deus, como se ambos fossem o mesmo ser, aparentemente separados pelo véu da ilusão. No entanto, o que o Vedanta-sutra e as demais escrituras védicas nos ensinam é que nós e Deus possuímos uma natureza inconcebivelmente igual e diferente ao mesmo tempo. Ou seja, igual em qualidade, mas distinta em quantidade. Assim como a faísca cuja natureza possui as mesmas qualidades do fogo, porém em uma quantidade mínima.

Brahmá, o criador deste Universo recebeu este conhecimento de Krishna e o transmitiu a seu discípulo Nárada-muni, que por sua vez o transmitiu a Vyasa-deva, que materializou todo esse conhecimento na forma dos quatro Vedas, Upanishads, Puranas e

do Vedanta-sutra. Esses três grandes mestres ficaram famosos por serem exemplos vivos de devoção e serviço a Krishna, sempre pontuando em seus ensinamentos a necessidade de nos tornarmos servos do Senhor Supremo e jamais pensarmos que somos Ele ou que Ele não possui uma forma e personalidade transcendentais. Antes de definirmos o caráter de uma obra, devemos conhecer o caráter de seu autor. Brahmá, Nárada e Vyasa-deva jamais declararam ou demonstraram por qualquer ato que nós somos o próprio Ser Absoluto e que Este é desprovido de forma em Seu aspecto mais completo e original.

O centro de gravidade do ser é o coração, porque é ali onde a alma reside. Portanto, o Vedanta será compreendido somente por aqueles que conhecem a linguagem do amor. Aqueles que tentarem se aproximar do Vedanta por intermédio da mente analítica, ou jñana, jamais serão capazes de compreendê-lo, como bem explica o sutra 'tarkapratisthanath', no qual Krishna diz: "Ó meu bom rapaz, não é através da lógica e da deliberação que se pode conhecer a Verdade Absoluta, mas apenas é concedida tal oportunidade a quem Ela mesma escolhe".

Este livreto, reúne de modo resumido os ensinamentos de grandes mestres como Srila Ramanuja Acharya, Srila Madhva Acharya, Srila Jiva Gosvami, Srila Baladeva Vidyabhusana Prabhu, Srila Bhakti Prajñana Keshava Gosvami Maharaja, Srila AC Bhaktivedanta Svami Prabhupada e Srila Bhakti Vedanta Narayana Gosvami Maharaja, os quais são os guardiões do Vedanta original cujo significado esotérico vem sendo transmitido através de uma sucessão discipular autorizada pelos Vedas, que começa com Krishna e culmina em Sri Chaitanya Mahaprabhu, até os dias de hoje, através da tradição Gaudiya Vaishnava.

Vedanta-sutra

A palavra Vedanta é composta por duas palavras: *Veda*, que se refere aos quatro Vedas (Atharva, Rg, Yajur e Sama), aos Upanishads, Puranas, Samhitas, Bhagavad-gita etc, e *Anta*, que significa fim, ou seja, a conclusão final dos Vedas.

Sutra significa aforismo, um pequeno link, ou seja, poucas palavras que expressam uma grande verdade.

O Vedanta-sutra, também conhecido como Brahma-sutra, foi escrito em adhikaranas (silogismos védicos) que consistem de cinco partes: 1. Visaya (tese, ou declaração); 2. Samsaya (visão da dúvida sobre a declaração); 3. Purvapaksa (apresentação de uma declaração de oposição à tese); 4. Siddhanta (determinação da verdade real, a conclusão final, pela citação de escrituras Védicas) e; 5. Sangati (confirmação da conclusão final pela citação de escrituras védicas).

O Vedanta-sutra descreve cinco tattvas (verdades): 1. Isvara (a Suprema Personalidade de Deus); 2. jiva (entidade viva individual ou alma); 3. prakrti (matéria); 4. kala (tempo) e; 5. karma (ação).

athato brahma jijñasa (Sutra 1) - "Agora, portanto, devemos indagar sobre o Brahman."

"Devo agora questionar acerca da Suprema Personalidade de Deus, como está descrito nos Upanishads." (Bṛhad-aranyaka Upanishad 9.21)

“Ó Maitreyi, deve-se ver, ouvir, lembrar e indagar sobre a Suprema Personalidade de Deus.”
(Brhad-aranyaka Upanishad 2.4.5)

“Apenas tente aprender a verdade aproximando-se de um mestre espiritual. Questione-o submissamente e preste-lhe serviço. A alma auto realizada pode transmitir-lhe conhecimento transcendental, pois viu a Verdade.” (Bhagavad-gita 4.34)

Aqui, podemos constatar que a busca pela Verdade não deve ser um esforço solitário. É necessário ter um guia, ou mestre espiritual fidedigno, versado nas escrituras e conhecedor dessa Verdade, a fim de que esta nos possa ser revelada.

Os Vedas apresentam três formas de se obter conhecimento: *pratiaksha* (percepção sensorial); *anumana* (inferência); e *sabda* (conhecimento revelado pelos Vedas ou pelo mestre espiritual).

Se considerarmos que a percepção sensorial é limitada e que a inferência também depende desta, concluímos que a única maneira de conhecermos a verdade é ouvindo-a do mestre espiritual ou lendo-a nos Vedas. Portanto, a leitura livre dos Vedas não é recomendada, pois se vale apenas de nossa parca inteligência. A melhor opção é depender exclusivamente da orientação de um mestre fidedigno.

sastra yonitvat (Sutra 3) - “Porque Ele só pode ser conhecido pela revelação das escrituras védicas.”

Esse processo chama-se *apaurusheya*. O conhecimento transcendental deve ser revelado. Ele não pode ser controlado ou conquistado pelos sentidos imperfeitos.

“A lógica é empregada para resolver aparentes contradições nos textos védicos. Mas a lógica seca, sem referência à revelação escritural, deve ser abandonada.”
(Brhad-aranyaka Upanishad 4.5)

Vyasa Deva, o autor dos Vedas

Em Dvapara-yuga, os Vedas foram destruídos. Então, a Suprema Personalidade de Deus, em resposta às orações de Brahmá e outros semideuses perplexos, descendeu como Krishna Dvaipayana Vyasa Deva, que restaurou os Vedas, os dividiu em 4 partes e compôs o Vedânta-sutra para explicá-los.

Isso está descrito no Skanda Purana: *krsna dvaipayana vyasam viddhi narayanam prabhum*.

“Entendam que Krishna Dvaipayana Vyasa é de fato a Suprema Personalidade de Deus, Narayana.”

Srila Vyasadeva, o compilador do Veda original, dividiu-o em quatro partes de acordo com o assunto. Primeiro, havia apenas o Atharva Veda, que foi dividido entre o Rg, Yajur e Sama Vedas. Então, para conciliar as aparentes diferenças entre os mantras dos diferentes Vedas e a fim de mostrar que não há conflito entre os mesmos, ele compôs o Vedanta-sutra. Uma vez que o Vedanta-sutra era de difícil compreensão para as pessoas

comuns, ele compôs os Upanishads, os Puranas e o Mahabharata, tornando cada vez mais acessível a mensagem do Vedanta-sutra para o público em geral.

Mesmo após ter manifestado toda a literatura védica, direta ou indiretamente (através de discípulos), Srila Vyasadeva apresentava profunda insatisfação e inquietude; ele não estava feliz. Então, seu mestre espiritual, Sri Narada Rishi foi até ele e disse: “Você escreveu sobre dharma (atividade piedosa), artha (desenvolvimento econômico), kama (gratificação dos sentidos) e moksa (liberação), mas não descreveu os doces passatempos do Senhor Supremo. É por esta razão que sua mente está perturbada e você não está feliz. Você deve entrar em samadhi-yoga (transe) e meditar nos passatempos do Senhor Krishna”.

Srila Vyasadeva seguiu as ordens de seu mestre espiritual e, por misericórdia dele, foi capaz de ver os passatempos do Senhor Krishna. Em seguida, descreveu esses passatempos, para o benefício da população em geral, na obra intitulada Srimad Bhagavatam.

No Garuda Purana, o Srimad Bhagavatam é glorificado da seguinte forma:

“Este Srimad Bhagavatam é o comentário natural do Brahma-sutra. É o significado conclusivo do Mahabharata. É a personificação do gayatri-mantra e explica e reforça o significado essencial dos Vedas. Portanto, o Srimad Bhagavatam, escrito pelo próprio Sri Vyasadeva, é o comentário real e transcendental, sem precedentes, do Vedanta-sutra.”

O Chandogya Upanishad (3.15.7) afirma que os Puranas são “o quinto Veda”; sendo que, o Srimad Bhagavatam é um Purana. Portanto, diante das evidências supracitadas, só nos resta aceitar o fato inegável de que o Srimad Bhagavatam é o comentário natural do Vedanta, escrito por seu próprio autor, Vyasa-deva.

“Não tente compreender o significado de uma declaração sem primeiro conhecer quem é o autor da mesma.” (Kausitaki Upanishad 3.8)

Devido à sua natureza divina e autoria única, os Vedas não podem ser aceitos parcialmente. Isso implica que, ou aceitamos completamente, ou rejeitamos por completo.

“Os quatro Vedas - ou seja, o Rg-Veda, Yajur-Veda, Sama-Veda e Atharva-Veda - foram todos emanados da respiração da Suprema Personalidade de Deus.” (Brhad-aranyaka Upanishad 2.6.10)

Comentadores

Durante os últimos séculos, a grande maioria das pessoas tem aceitado que o único significado do Vedanta-sutra é o de Sripad Shankaracharya, apresentado através da escola Advaita ou mayavada. O comentário de Shankaracharya é chamado Sariraka-bhasya, e muitas pessoas pensam que a filosofia exposta por ele é o verdadeiro significado do Vedanta-sutra. No entanto, isso é um equívoco. Ramanuja, Madhva-acharya, Baladeva Vidyabhusana, dentre muitos outros, também comentaram o Vedanta-sutra, estabelecendo os fundamentos da escola Dvaita, ou dualista.

O comentário de Sripad Ramanuja-acharya chama-se Śrī-bhasya; o de Sripad Madhva-acharya, Anubhasya; e o de Sripad Baladeva Vidyabhusana, Govinda-bhasya.

Os comentários de Sripad Ramanuja e Sripad Madhva estão baseados em um princípio denominado vastu-parinama, ou seja, que tudo o que existe é uma transformação direta do Ser Supremo, enquanto que o comentário de Sripad Baladeva Vidyabhusana está baseado no princípio denominado shakti-parinama, ou seja, que tudo o que existe é uma transformação das diferentes potências do Ser Supremo, e não dEle mesmo.

Esta concepção foi apresentada por Sri Chaitanya Mahaprabhu, a encarnação de Krishna em Kaliyuga, O qual apresentou pela primeira vez o conceito de Achintya-bhedabheda, ou a inconcebível semelhança e diferença simultâneas entre a alma individual e Deus, a Superalma.

Foi somente através de Sri Chaitanya Mahaprabhu que a escola Dvaita (lê-se Dueita) pôde alcançar seu potencial máximo. Sri Chaitanya Mahaprabhu é o próprio Krishna, então, o que quer que Ele apresente, é o mais puro reflexo do Vedanta.

No entanto, Mahaprabhu não estava interessado em debates de lógica ou erudição, mas sim em tornar acessível a todos, os princípios básicos da devoção, tal como apresentados no Srimad Bhagavatam, que é o comentário natural do Vedanta-sutra. Embora não tenha deixado nada escrito sobre este assunto, Seus discípulos, especialmente os seis Goswamis de Vrindavana, publicaram uma grande variedade de títulos abordando os pontos apresentados por Mahaprabhu. Dentre eles, se destacam os Sat-sandarbhás de Srila Jiva e o Bhakti-rasamrta-sindhu de Srila Rupa Goswami.

Três séculos mais tarde, Sripad Baladeva Vidyabhusana também utilizou o mesmo conceito achintya-bhedabheda de Mahaprabhu, para compor seu comentário do Vedanta-sutra, que acabou se tornando o comentário oficial da escola iniciática fundada por Mahaprabhu, chamada de Gaudiya.

De acordo com o Padma Purana, existem somente quatro escolas iniciáticas autorizadas para transmitir os mantras védicos de diksha, ou iniciação espiritual.

“Qualquer mantra que não seja recebido através de uma das quatro escolas iniciáticas (Brahma, Rudra, Sanaka e Sri) é considerado inútil. Portanto, as personalidades divinas que inspiraram as quatro escolas iniciáticas (sampradayas) autorizadas são a Deusa Laksmi, o semideus Brahmá, o Senhor Shiva e os quatro Kumaras, liderados por Sanaka Rishi. Cada uma dessas escolas possui um fundador. Ramanuja foi escolhido pela Deusa Laksmi para representar Sua sampradaya; Madhvacarya foi escolhido pelo Brahmá de quatro cabeças; Visnusvami foi escolhido por Shiva; e Nimbaditya foi escolhido pelos quatro Kumaras.”

Sri Chaitanya Mahaprabhu foi iniciado dentro da Brahma-sampradaya e por isso Sua autoridade para criar a escola da Gaudiya é indiscutível. No entanto, até onde consta na história, Shankaracharya não pertencia a nenhuma das quatro sampradayas supracitadas, bem como todos aqueles que representam a escola Advaita (lê-se Adueita).

Shankaracharya (788 dC)

Autor do famoso comentário do Vedanta-sutra, intitulado Sariraka-bhasya, também comentou sobre os principais Upanishads, bem como o Bhagavad-gita. Ao mesmo tempo em que escrevia seus comentários, Shankara atraía muitos seguidores e frequentemente debatia com adeptos de diferentes escolas de pensamento, principalmente com os Vaishnavas.

Em seus comentários, Shankara advoga que o Brahman é a única realidade e que o universo que percebemos, caracterizado pela dualidade, é irreal. A alma individual, ou jiva, é, na verdade, alheia ao mundo das dualidades, sendo ela mesma idêntica ao Brahman Absoluto. Todavia, esta alma individual se identifica com o mundo das dualidades, pela influência da energia ilusória, maya, considerando o mundo material como sendo real, assim como alguém na escuridão pode confundir uma corda com uma cobra. Shankaracharya considera que a perfeição pode ser alcançada através do estudo sistemático de seu comentário do Vedanta, de práticas devocionais e austeridades, com o objetivo de se livrar da ilusão superimposta à alma e se fundir no Brahman, que seria destituído de toda sorte de atributos, atividades e individualidade.

A filosofia de Shankaracharya certamente não corrobora com os textos védicos originais e por isso não parece atrativa aos teístas, que entendem que a perfeição da vida é ingressar no Reino de Deus (Vaikuntha) e lá servi-LO eternamente. Deus e a alma são eternamente distintos, mas se unem através do serviço devocional amoroso, o que é de modo geral a teologia das grandes tradições monoteístas do mundo e também a teologia Vaishnava, expressa em obras como o Bhagavad-gita e o Srimad Bhagavatam.

Analisemos, agora, alguns versos que preveem as atividades de Shankaracharya e busquemos evidências nos textos e atividades do próprio Shankaracharya para evidenciarmos a falácia de suas predições.

Ele foi nomeado como Shankara por ser uma encarnação do Senhor Shiva.

No Padma Purana, Uttara-khanda 62.31, encontramos as seguintes declarações do Senhor Shiva:

Shiva informou à sua esposa: “A filosofia mayavada é contrária às escrituras. Trata-se de um budismo encoberto. Minha querida, em Kali-yuga, assumo a forma de um brahmana e ensino a filosofia mayavada. A fim de enganar os ateístas, descrevo a Suprema Personalidade de Deus como sendo sem forma e sem qualidades. Similarmente, ao explicar o Vedanta, descrevo a mesma filosofia mayavada de modo a desorientar toda a população para o ateísmo, negando a forma pessoal do Senhor.”

“Minha querida esposa, ouve minhas explicações acerca de como propagarei a ignorância através da filosofia mayavada. Simplesmente por ouvir essa filosofia, mesmo um erudito avançado cairá. Em tal filosofia, que é certamente muito inauspiciosa para as pessoas em geral, interpreto erroneamente o verdadeiro significado dos Vedas e

recomendo que todas as atividades sejam abandonadas como forma de obtenção da liberdade do carma. Nessa filosofia, descrevo que a alma e a Superalma são idênticas.”

O Senhor Shiva faz isso não apenas uma vez, mas diversas vezes, haja vista que há outros Puranas em que o Senhor Shiva diz que o fará em outras eras. No Shiva Purana, o Senhor Supremo parece pedir a Shiva que faça o mesmo em Dvapara-yuga:

“Em Dvāpara-yuga, ilude as pessoas em geral apresentando significados imaginários aos Vedas de modo a desorientá-las.”

Aqui, Shiva aparece como um devoto de Krishna, como acontece, na verdade, em todas as escrituras védicas, sobretudo quando analisadas integralmente. No fundo, essa devoção esteve sempre presente na vida de Shankaracharya, que compôs belos versos em louvor ao Senhor Krishna, chamando-O de o Senhor Supremo Govinda, a Bem-aventurança Suprema etc.

*bhaja govindam bhaja govindam bhaja govindam mūḍha-mate
prāpte sannihite kāle na hi na hi rakṣati dukṛñ-karaṇe*

“O que vai adiantar saber todas as regras gramaticais para conjugar a raiz verbal [du]kr[n], karane, da oitava conjugação? Isso não vai lhe proteger na hora da morte. Adore Govinda! Adore Govinda! Adore Govinda!”

Aqui, Shankara usa três vezes a palavra bhaj, cuja raiz é a mesma de bhakti, ou “serviço devocional amoroso”, “adoração”, “rendição”, que é a tese pré-Shankara, original do Vedanta. Ele sugere a adoração de Govinda, outro nome de Krishna, que significa “aquele que dá prazer aos sentidos, às vacas e à mãe Terra”. (A palavra “go” significa vaca ou sentidos, especificamente suas versões espirituais e também inclui a Mãe Terra, porque ela é personificada como a mãe vaca, Bhumi-devi.)

Em seu famoso Govindastakam, Shankaracharya descreve os passatempos de Krishna e, em seu refrão, chama Krishna, ou Govinda, de Paramananda, ou seja, aquele que é o ananda mais elevado, em contraste com o ananda inferior do monismo, ou brahmananda, o ananda meramente derivado do ser, e não do amor eterno e transcendental.

Shankara também aceitou declaradamente a autoridade do Bhagavad-gita e do Srimad Bhagavatam, indiretamente, ao glorificá-los e citá-los em orações. Essas duas obras são as que mais claramente exaltam o aspecto pessoal da Verdade Absoluta e o serviço devocional eterno ao Senhor Krishna.

Neste ponto, você talvez se pergunte: Por que Shiva, o maior dos devotos de Krishna, teria o desejo de deturpar a conclusão védica de que o serviço amoroso a Krishna é a meta última da existência? A resposta parece mais simples do que deveria ser: foi o próprio Krishna quem o instruiu a propagar tal teoria, como está descrito no Padma e Varaha Puranas:

“Através de sua própria escritura forjada, faça as pessoas se tornarem adversas a Mim e Me oculte, para que assim a população possa aumentar perpetuamente.”

Com o avanço da era de Kali, os rituais védicos foram corrompidos pelos demônios que, a pretexto de seguirem princípios religiosos, começaram a sacrificar animais, simplesmente para o consumo da carne. Então, para evitar que a carnificina continuasse, o avatar de Vishnu, Buddha, descendeu há aproximadamente 3500 anos, com a missão de pregar contra a autoridade das escrituras védicas, a fim de evitar que o mau uso dos rituais de sacrifício continuasse a se espalhar pela Índia. Desse modo, o avatar Buddha estabeleceu o budismo, baseado nos princípios de ahimsa (não violência, compaixão), transformando milhões de carnívoros em vegetarianos.

Mais tarde, aparece na cena budista o príncipe Siddharta Gautama (Sakhya Singha), o qual estabeleceu o princípio filosófico niilista, ou sunyavada, baseado na prática do vipassana, ou meditação silenciosa de observação da respiração, com o objetivo de cessar as atividades mentais. Ele recebe o título de Gautama por ser esse o nome de seu mestre, o famoso ateuista Gautama Rishi. Com o passar do tempo, os dois Buddhas acabaram sendo confundidos e, hoje em dia, poucos sabem da existência do Buddha avatar e creem que Sakhya Singha seja o fundador do budismo.

Shankaracharya, então, teve a missão de resgatar todas as almas que haviam sido retiradas da cultura védica e se tornado budistas, e trazê-las de volta ao abrigo dos Vedas. Assim, ele compila sua teoria mayavada que se assemelha ao budismo, para facilitar a associação de ideias entre ambos, principalmente em relação ao conceito de fundir-se no Brahman. Assim como no budismo, isto representa o estágio final de fusão e unidade indistinta do ser individual com o Todo Absoluto.

Mas para tanto, Shankaracharya teve que podar o sentido original das escrituras védicas, para que coubessem dentro da moldura budista. Obviamente, ele foi extremamente bem-sucedido na reconversão de milhares de budistas ao vedantismo, bem como na expulsão definitiva do budismo niilista da Índia.

Em seu comentário do Vedanta-sutra, Shankaracharya foi incapaz de explicar o verso “ananda-maya”, de acordo com sua filosofia advaita, e disse que seu guru, Srila Vyasadeva, era quem estava equivocado.

Portanto, o comentário do Vedanta-sutra escrito por Shankaracharya é absolutamente uma obra de sua imaginação. Não há uma verdade sequer ali presente que corresponda ao Vedanta-sutra de Vyasa-deva.

Sri Chaitanya Mahaprabhu (1486 dC)

Sri Chaitanya Mahaprabhu, conhecido também como o Avatar Dourado, descendeu há pouco mais de quinhentos anos na ilha de Mayapura, Bengala Ocidental, como a encarnação mais magnânima de Krishna. No começo de sua juventude, Mahaprabhu se tornou um professor de lógica e conquistou a vitória em debates públicos sobre os maiores eruditos da época.

Aos vinte e quatro anos de idade, já reconhecidamente o maior erudito dos Vedas de Sua época, Mahaprabhu renunciou à vida familiar e passou a se dedicar exclusivamente à adoração do Senhor Supremo Krishna. Portanto, Mahaprabhu, sendo o próprio Krishna, Se torna Seu próprio devoto, a fim de ensinar a prática de bhakti e o verdadeiro significado do Vedanta, através de Seu próprio exemplo. Por isso, Sri Chaitanya Mahaprabhu é a encarnação mais misericordiosa do Senhor.

Mahaprabhu estabeleceu a conclusão original do Vedanta, que é bhakti, através do princípio revolucionário chamado de achintya-bhedabheda (ABA), ou a inconcebível diferença e semelhança simultâneas entre a alma individual e o Senhor Supremo.

Por causa do excelente serviço prestado por Shankaracharya, Sri Chaitanya Mahaprabhu foi capaz de restabelecer a supremacia de bhakti pura, tendo em vista que os princípios védicos mais básicos já haviam sido adotados pelas massas, bem como os princípios devocionais estabelecidos pelos quatro Vaishnavas Acharyas (Ramanuja, Madhva, Vishnu Swami e Nimbadiya).

Assim, com o auxílio dos Seis Gosvamis de Vrndavana (Rupa, Sanatana, Raghunatha dasa, Gopala Bhatta, Raghunatha Bhatta e Jiva) Mahaprabhu foi capaz de dar um passo à frente na compreensão do Vedanta, estabelecendo o ABA. Deus é simultaneamente igual e distinto das almas: é igual em qualidade porque ambos são compostos de sat-cit-ananda, isto é, eternidade, consciência e bem aventurança, mas ao mesmo tempo é distinto em quantidade porque Deus é infinito e onipotente, enquanto que as almas são infinitesimais e com capacidades limitadas.

Mahā-vakyas

Abaixo seguem os sete mahā-vakyas (grandes provérbios) de Shankaracharya com suas respectivas explicações:

1. Brahma satyam jagan mithya – Brahman é real e o mundo é irreal;
2. Ekam evaditiyam brahma – Brahman é indivisível;
3. Prajñanam brahman – Brahman é o conhecimento supremo;
4. Tat tvam asi – Você é este Brahman;
5. Ayam atma brahma – Atman e Brahman são o mesmo;
6. Aham brahmasmi – Eu sou Brahman;
7. Sarvam khalvidam brahma – Tudo que existe é Brahman.

Verifiquemos, contudo, se essas definições estão corretas.

De acordo com o sânscrito, a palavra *brahma* pode significar o Ser Supremo, a alma individual, ou simplesmente aquilo que é espiritual, de acordo com o contexto. Por exemplo, encontramos com frequência nos Vedas o termo *anna-brahma*, que significa alimento espiritual, e não que o alimento seja o próprio Brahman. Outros exemplos podem ser dados, mas preferimos manter este texto sucinto.

No entanto, a consideração mais importante a ser feita é em relação à explicação que a gramática sânscrita dá aos superlativos. Se à palavra *brahma* for adicionado o prefixo *param*, que significa *supremo*, ela indicará que o Brahman a que se refere o texto, é o Supremo Brahman, ao qual nada se compara.

*param brahma param dhāma pavitraṁ paramaṁ bhavān
puruṣaṁ śāśvataṁ divyam ādi-devam ajam vibhum
(Bhagavad-gita 10.12)*

Aqui, Arjuna chama Krishna de Parambrahma, isto é, aquele que está acima ou além do Brahman. Arjuna diz que Krishna é o sustentáculo de tudo (*param dhāma*), isto é, o

sustentador também do Brahman, que é o mais puro (*pavitram paramam*), que é eternamente (*sasvatam*) uma pessoa (*purusam*) divina (*divyan*, cognato perfeito de 'divina'). Ele diz que Krishna é Adi-deva (o Deus original ou único; *deva* é cognato de Deus). Ele é *aja*, ou 'não nascido' (não aceita um corpo material em Suas epifanias), e *vibhu*, 'o maior'.

Se a palavra *brahma* for utilizada para se referir às almas individuais, então significa que *param-brahma* estará se referindo a Superalma. Por exemplo: *isvara* (controlador) e *Paramesvara*; *atma* (alma) e *Paramatma* etc. Além disso, o sânscrito apresenta a palavra *Bhagavan* que, mesmo sem o prefixo *param*, já denota Aquele que é o Supremo, Deus, o Criador, o Ser Absoluto, Aquele ao qual ninguém se iguala, o que dirá de superá-Lo.

Portanto, os mayavadis atribuem demasiada importância aos mahā-vakyas que contêm a palavra *brahma*, mas negligenciam os trechos nos quais os Vedas apresentam a palavra *Bhagavan*. Se nos textos originais encontramos várias declarações sobre a existência de uma Personalidade Superior e inigualável, porque então daremos mais atenção às palavras do escalão menor?

“Ó Maitreya, a palavra *Bhagavan* refere-se ao Supremo Brahman, que está cheio de todos os poderes e opulências, a causa original de todas as causas, e a transcendência suprema, pura e sempre intocada pela matéria.” (Visnu Purana)

ete cāmśa-kalāḥ puṁsaḥ kṛṣṇas tu bhagavān svayam (Srimad Bhagavatam 1.3.28)

“Krishna é a Suprema Personalidade e Deus. Todos os outros avatares são Suas porções plenárias ou porções das porções plenárias.”

Neste verso, Vyasa Deva declara explicitamente que Krishna é *Bhagavan*. Esse é só um exemplo, mas existem centenas de outros versos indicando que Krishna é *Bhagavan*. Quando alguma personalidade recebe este título, não resta dúvida sobre sua posição na hierarquia dos deuses. Por exemplo, os semideuses como Brahmá ou Shiva recebem o título de *isvara*, mas nunca de *Paramesvara* ou *Bhagavan*.

janmady asya yatah (Sutra 2) - “Brahman é Aquele do qual tudo emana.”

Tudo na criação tem sua origem no Criador. O Criador é eterno e dEle surge tudo o que é temporário. Se há um criador, este é diferente de sua criação. Por isso, tudo aquilo que pertence ao mundo material não pode ser igualado ao Brahman, bem como as almas que ali habitam.

Outro argumento que pode ser apresentado é em relação ao contexto dos mahā-vakyas. Shankaracharya extraiu seus versos desejados do contexto original, facilitando que sua reinterpretação pudesse fazer sentido. Então, analisemos alguns dos versos originais:

tat tvam asi sa ya eso nima etad atmyam idam sarvam tat satyam sa atma
(Chandogya Upanishad 6.8.7)

“É nEle que tudo repousa. Tudo vem dEle. Ele é a realidade suprema. Ele é a pessoa suprema. Você é igual a Ele.”

*sarvam khalv idam brahma taj jalan iti santa upasita atha khalu kratumayah
purusah yatha kratu asmin loke puruso bhavati tathetah pretya bhavati sa kratu kurvita
manomayah prana-sariro bha-rupah satya-sankalpa akasatma sarva-karma sarva-kamah
sarva-gandhah sarva-rasah sarvam idam abhyato avakyan adarah*

(Chandogya Upanishad 3.14.1)

“Tudo é Brahman. Dele tudo emana. O sábio pacífico deve adorar Brahman com esta ideia. A Suprema Personalidade de Deus aceita as atividades do serviço devocional. Quando o serviço devocional é realizado neste mundo, a Suprema Personalidade de Deus está presente nele. De acordo com o serviço devocional executado nesta vida, se alcançará um destino apropriado após a morte. A Suprema Personalidade de Deus é conhecida por aqueles cujas mentes são puras. Ele é o controlador de toda a vida. Ele é resplandecente e glorioso. Cada um de Seus desejos é automaticamente satisfeito. Ele é todo-penetrante. Ele é o criador original de tudo. Ele satisfaz todos os desejos. Ele possui todas as fragrâncias agradáveis. Ele é todo doçura. Ele está presente em todos os lugares. Ele não pode ser descrito em palavras. Ele não pode ser conhecido. Tudo o que existe é uma transformação de Sua energia.”

Ao analisar a descrição completa dos versos supracitados, podemos ter uma ideia clara que se trata de uma Personalidade Eterna, com qualidades, atributos, atividades etc. Podemos também fazer referência à palavra purusha, que significa uma pessoa do gênero masculino.

“Deus é masculino e Sua shakti é feminina.” (Bṛhad-aranyaka Upanishad 9.21)

Escola Advaita (monista)

A explicação do Vedanta-sutra apresentada pela escola Advaita de Shankaracharya não está de acordo com a filosofia de Srila Vyasadeva, como já foi apresentado anteriormente. Distorcendo o significado de várias palavras, esta escola tentou apresentar sayujya-mukti (fundir-se com o Brahman) como a meta mais elevada. No entanto, no Srimad Bhagavatam, Srila Vyasadeva claramente revela que essa meta última e mais elevada é Bhakti (serviço devocional amoroso).

Bhagavatam pramanam amalam yat vaisnavanam priyam – o Srimad Bhagavatam é querido para os devotos Vaishnavas. Esta não é uma escritura para os não-devotos, portanto, a explicação do Vedanta apresentada pela escola Advaita não é autêntica.

A escola Advaita é também conhecida como *mayavada*, pelo fato de seus seguidores afirmarem que o Brahman, mesmo sendo indivisível e onipresente, pode ser encoberto por *maya* e perder Sua própria identidade de Brahman. Devido a esta concepção equivocada, eles consideram que *maya* – um subproduto de Brahman – pode encobri-Lo. Desta forma, são chamados de mayavadis.

Maya significa “aquilo que não é”. Seguindo essa lógica, os mayavadis se utilizam da técnica conhecida como *neti neti*, sempre dizendo que Ele não é isto nem aquilo, mas nunca atribuindo algo positivo.

Maya, a energia ilusória, é uma energia subordinada a Krishna, logo, jamais O poderia afetar, assim como um mágico jamais é iludido por sua mágica ou uma aranha jamais é presa por sua teia.

Maya é uma energia de Krishna, cujo papel é torná-Lo desconhecido àqueles que O invejam, como está afirmado no Bhagavad-gita (7.25):

“Eu não Me manifesto para todos. Eu Me encubro com *maya* de modo que os tolos não possam Me compreender como O não nascido e infalível.”

O Senhor Shiva adjetiva a filosofia *mayavada* de *asac chastram*, isto é, ilegítima segundo as escrituras, e também diz que é meramente imaginária. Uma vez contextualizados os versos que originam a filosofia de Shankara, fica fácil perceber como ele imaginou os significados ausentes no texto.

O próprio termo *advaita*, derivado do Chandogya Upanishad 6.2.1, não indica de modo algum que a alma individual e o Brahman sejam unos. Ao contrário, o termo indica que no começo não havia outro senão o Ser Supremo, *advaya para tattva jnana*, que é a mesma declaração encontrada no Narayana Upanishad:

“No princípio da criação, somente existia Narayana. Não havia Brahmá, nem Shiva, nem fogo, nem Lua, nem estrelas no céu, nem Sol. Então, a Suprema Personalidade, Narayana, desejou criar as entidades vivas. De Narayana nasceu Brahmá, e de Narayana os patriarcas também nasceram. De Narayana nasceu Indra, de Narayana nasceram os oito Vasus, de Narayana nasceram os onze Rudras, de Narayana nasceram os doze Adityas.”

Assim, originalmente, *advaita* se refere a *advaya*, ou Aquele que não tem um sucessor, ou seja, Aquele ao qual ninguém se iguala ou compara, que é Único. O Senhor Supremo cria tudo a partir de Si e é a base da existência. O Chandogya Upanishad 6.2.2 explica que o Ser Supremo é a fonte de tudo o que existe e que a existência não poderia surgir a partir do nada.

Outro ponto apresentado por Shankaracharya é que Deus é *asarira* e *akarana*, sem forma e sem sentidos. No entanto, o verdadeiro sentido de *asarira* é “aquilo que não pode ser descartado”, e de *akarana* é “aquilo que não precisa de uma causa”. Logo, dizer que Deus é *asarira* e *akarana*, sem uma interpretação imaginativa, significa que: Ele tem um corpo que jamais é descartado e que Ele não depende de nenhuma causa para existir.

Há outro ponto que devemos considerar. Nas escrituras, as palavras como *nirguna* (sem qualidades), *nirakara* (sem forma ou substância), *arupa* (sem forma ou beleza) e *avyakta* (não manifesto), não são palavras raiz. De *guna* (qualidade), vem *nirguna* (sem qualidade); de *visesa* (especialidade ou singularidade), *nirvisesa* (sem especialidade); de *akara* (forma e conteúdo), *nirakara*. É considerando que a forma existe, que podemos conceber a ausência de forma. A partir do manifesto, o imanifesto ocorre.

Não poderíamos pensar no ateísmo sem que houvesse a existência do teísmo. Como não podemos pensar em algo que não exista, então, se pensamos em Deus é porque Ele existe, e se pensamos na forma é porque Ela existe.

É por isso que a definição de Deus dos Vedas não afirma que Ele tenha apenas um aspecto, seja o com forma ou o sem forma, mas sim que Ele possui ambos!!! Claro, pois se Lhe faltasse algo, Ele não seria completo. Mas os Vedas ainda vão mais além, revelando

que há um terceiro aspecto de Deus localizado no coração de cada entidade viva e dentro de cada átomo, chamado Paramatma.

“Transcendentalistas eruditos que conhecem a Verdade Absoluta chamam-na de a não dual substância Brahman, Paramatma e Bhagavan.” (Srimad Bhagavatam 1.2.11)

Se Deus é completo, não pode haver nada que falte nEle, incluindo a forma, o nome, as qualidades e atividades. De acordo com uma simples lógica, toda derivação é redutiva e deve acontecer de um objeto mais complexo para outro mais simples, ou seja, a forma não pode vir da não forma. A diversidade não pode derivar da não diversidade, nesse sentido usa-se a expressão não dual.

O Senhor tem qualidades e uma forma especial, e Ele vem do mundo espiritual com esta forma e Se manifesta diante deste mundo para o benefício de todos os seres vivos. No contexto da literatura védica, nirguna (sem qualidade) não significa que Ele não tem qualidades. Significa que Ele não possui qualidades materiais. Se Ele não tem quaisquer qualidades, como Ele pode ser misericordioso? Como Ele pode satisfazer todos os nossos desejos? Qual é a utilidade de um Brahman que não ama, que não perdoa? Na verdade, Ele é a personificação de todas as qualidades transcendentais.

Desse modo, a filosofia de Shankaracharya não aceita a Verdade Absoluta qualificada por misericórdia, beleza, opulência etc. De acordo com ele, se a Verdade Absoluta é qualificada, em seguida, torna-se limitada pela própria qualificação. Sua conclusão é que, se Brahman é ilimitado, não deve haver qualquer limitação pela qualificação.

Em outros versos do Vedanta-sutra e Upanishads é dito: “*anandam brahma* – O Supremo é a personificação da felicidade”. O Supremo tem uma personalidade e é pleno de felicidade. Sem ter uma forma, como pode haver personalidade e sem esta, como pode haver felicidade?

Por esse motivo, Shankaracharya se negou a fazer comentários ao sutra *ananda-mayo 'bhyasat*, “Brahman é bem-aventurado”, deixando em branco esta lacuna.

No entanto, os mayavadis tentam se apoiar nas seguintes declarações dos Upanishads:

“Deus não é nem grosseiro nem sutil, nem curto nem longo, nem sombra nem trevas, nem ar nem espaço. Deus não tem olhos e ouvidos ou boca. É sem gosto ou cheiro, fala ou mente, sem um exterior ou um interior. Ele não come nada, nem nada pode comê-Lo.” (Bhrad-aranyaka Upanishad declara 3.8.8)

“Deus não tem um corpo, não tem pecados e qualquer ferimento.”
(Isha Upanishad 8)

“Deus não é isto, não é aquilo (neti neti). Não há nenhuma outra descrição mais apropriada de Deus.” (Bhrad-aranyaka Upanishad 2.3.6)

Todas as três declarações podem ser facilmente explicadas, baseando-se no fato de que Deus não possui um corpo material, uma vez que há outras declarações sobre a existência de Seu corpo transcendental. Os fragmentos da literatura védica também devem

ser entendidos, comparando entre si versos de diferentes livros que formam os membros de uma obra que revela o corpo de Deus num percurso literário.

A filosofia mayavada tenta designar o Senhor como contaminado por um corpo material quando ele aceita diferentes encarnações e que a alma espiritual, quando encoberta por ignorância, é designada como jiva (entidade viva), mas quando libertada de tal ignorância, ela se funde na existência impessoal da Verdade Absoluta.

Outra alegação feita pela escola Advaita é que Brahman se torna Isvara quando entra em contato com maya, ou seja, que a Verdade Absoluta primeiramente é impessoal e depois se torna uma pessoa divina. Mas essa ideia já foi de antemão refutada pelo próprio Krishna, cinco mil anos atrás, e registrada no Bhagavad-gita (7.24):

“Homens sem inteligência ou discriminação, pensam que Eu era impessoal e depois assumi esta Personalidade. Eles não conhecem Minha natureza superior, que é imperecível e superior a tudo que existe.”

Escola Dvaita (dualista)

As cinco diferenças fundamentais:

1. Entre as almas e Deus;
2. Entre matéria e Deus;
3. Das almas entre si;
4. Entre a matéria e as almas;
5. Entre os vários tipos de matéria.

Em diversas partes das escrituras védicas, a filosofia Advaita é derrotada pela Escola Dvaita. No Bhagavad-gita 15.15, Krishna diz:

“Eu estou sentado no coração de todos, e de Mim vêm a lembrança, o conhecimento e o esquecimento. Em todos os Vedas sou Eu para ser conhecido. Eu sou o compilador do Vedanta e Eu sou o conhecedor dos Vedas.”

“A alma individual e a Superalma, a Personalidade de Deus, são como dois pássaros sentados na mesma árvore, amigavelmente. Uma das aves (a alma atômica individual) come o fruto da árvore (o sentido de gratificação concedido ao corpo material), e o outro pássaro (Superalma) não está tentando comer esses frutos, mas simplesmente observa aquele outro pássaro. Embora os dois pássaros estejam pousados na mesma árvore, o pássaro que come os frutos está totalmente absorto em ansiedade e melancolia, por ser o desfrutador, mas se de uma forma ou de outra, ele vira o rosto para o seu amigo que é o Senhor Supremo e conhece Suas glórias, imediatamente se liberta de toda ansiedade.” (Svetasvatara Upanishad 4.6-7)

“Dentre muitos seres conscientes, existe um Supremo que é a fonte da consciência. E dentre inúmeros seres eternos, existe Aquele que é a fonte da eternidade. Este Ser Supremo satisfaz todas as necessidades dos demais.” (Katha Upanishad 2.2.13)

A jiva é parte integrante do Senhor Supremo e não é possível que ela se torne o próprio Senhor Supremo, como afirma Krishna:

“As entidades vivas condicionadas neste mundo são Minhas eternas partes fragmentárias. Devido à vida condicionada, elas estão lutando arduamente com os seis sentidos, que incluem a mente.” (Bhagavad-gita 15.7)

“Quando alguém entende que a Suprema Personalidade de Deus e as almas individuais são entidades eternamente distintas, então pode tornar-se qualificado para a liberação, e viver eternamente no mundo espiritual.” (Svetasvatara Upanishad 1.6)

bheda vy-apadesac canyah (Sutra 21) - “A Suprema Personalidade de Deus é diferente da alma individual, e esta doutrina é ensinada em todos os textos védicos.”

Achintya-bhedabheda (ABA)

A grande revolução na compreensão do Vedanta foi o conceito ABA revelado por Sri Chaitanya Mahaprabhu, através de dez axiomas:

1. **Pramana** (evidências escriturais): Os ensinamentos dos Vedas, recebido por intermédio da sucessão discipular autorizada, são conhecidos como amnaya. A prova infalível dos Vedas, dos Smrti-sastras (os corolários dos Vedas) encabeçados pelo Srimad Bhagavatam, bem como provas, tais como a percepção sensorial direta, que coincide com a orientação dos Vedas, tudo isso é aceito como o pramana (evidência). Este pramana estabelece os seguintes prameyas (verdades conclusivas):

2. **Parama-tattva**: Krishna é a única Suprema Verdade Absoluta.

3. **Sarva-saktiman**: Ele é o possuidor de todas as potências.

4. **Akhila-rasamrta-sindhu**: Ele é um oceano de trocas amorosas doces e nectáreas.

5. **Vibhinnamsa-tattva**: As almas são partes integrantes de Deus.

6. **Baddha-jivas**: Almas condicionadas estão sujeitas ao controle de maya.

7. **Mukta-jivas**: Almas liberadas estão eternamente livres de qualquer influência de maya.

8. **Achintya-bhedabheda-tattva**: O universo inteiro, que consiste do consciente (tchit) e inconsciente (atchit), é a Achintya-bhedabheda-prakasa de Krishna, ou seja, a manifestação inconcebivelmente diferente e não diferente dEle.

9. **Suddha-bhakti**: Serviço devocional puro é a única prática (sadhana) para se alcançar a meta (sadhya) da perfeição espiritual.

10. **Krsna-priti**: Amor transcendental por Sri Krishna é o único objeto final da realização espiritual (sadhya).

Cada alma individual é uma parte integrante da Suprema Personalidade de Deus, assim como um raio de sol é parte integrante do Sol. Iguais em qualidade, pois ambos possuem luz e calor, mas distintos em capacidade. A existência da alma individual é diferente do Senhor, dependente do Senhor e está relacionada com o Senhor.

Vedanta e Física Quântica

No começo do século XX, físicos ocidentais foram expostos à filosofia do Vedanta e alguns deles ficaram fascinados sobre como o Vedanta poderia supostamente explicar algumas das questões mais difíceis da Física quântica. Os primeiros investigadores quânticos como Planck, Schrodinger, Heisenberg e Bohr se refugiaram no Vedanta, a fim de elaborar suas teorias acerca das macro e microestruturas da matéria, bem como da consciência individual e universal presente nelas, como afirmou Erwin Schrodinger: “*O Vedanta ensina que a consciência é singular, que todos os acontecimentos são manifestos dentro de uma consciência universal e que não há multiplicidade de eus*”.

Contudo, devemos fazer aqui uma distinção fundamental: a influência do Vedanta sobre os físicos quânticos não foi a do Vedanta original da escola Dvaita, como já vimos, mas sim, especificamente, a da escola Advaita. Os mais famosos pregadores desta escola, Swami Vivekananda e Rabindranath Tagore, conquistaram a atenção dos cientistas ocidentais, e acabaram influenciando-os com o equivocado conceito da unidade não distinta entre Deus e as almas individuais, proposto por Shankaracharya, como se vê na declaração de Schrodinger: “*Por ele mesmo, o insight não é novo. O reconhecimento de que ATMAN = BRAHMAN (o eu individual é idêntico ao onipresente e todo penetrante eterno EU) foi considerado pelo pensamento indiano, longe de querer ser blasfemo, como a quintessência do insight mais profundo dentro dos acontecimentos mundiais. O esforço de todos os literatos do Vedanta foi, após aprenderem a pronunciar com os próprios lábios, assimilar de fato em suas mentes este que é o maior de todos os pensamentos: DEUS FACTUS SUM (Eu me tornei Deus)*”.

Portanto, as respostas que os físicos quânticos desejavam obter, baseadas em paradigmas egocêntricos, foram oferecidas pela escola Advaita. Mas, considerando que estas respostas não condizem com o significado original do Vedanta, não há razão para nos orgulharmos da pseudo-influência do Vedanta sobre a Física quântica. Na verdade, os físicos quânticos jamais poderiam ter sido chamados de vedantistas, pois isto seria uma ofensa à tradição védica.

Declaração como esta pode deixar os físicos quânticos e seguidores da escola Advaita envergonhados, mas para salvar as gerações futuras das teias da ignorância, devemos expor suas falsas teorias e estabelecer o verdadeiro conceito do Vedanta como ele é. Agora, então, vejamos se o conceito de ABA do Vedanta original pode dialogar com a Física quântica ou não.

Perguntas tais como: “o que é matéria negra?”, “o que é gravidade?”, “existem multidimensões?”, “pode um elétron residir em dois locais ao mesmo tempo?”, dentre outras deste naipe, não são nem um pouco relevantes para aqueles que estão praticando o que o Vedanta ensina como sendo o Dharma eterno da alma, ou serviço devocional puro a Deus.

Por esse motivo, o primeiro verso do Vedanta-sutra é *athato brahma jijñāsa* – “devemos primeiramente indagar sobre a Verdade Absoluta”. Aqui não diz que devemos primeiro questionar sobre a realidade subatômica! Isso demonstra claramente o fato de que os físicos quânticos se utilizaram das escrituras védicas do modo como lhes foi conveniente, mas sem adotar o *modus operandis* védico, como revela o próprio Heisenberg: “*Experimentos são o único meio de conhecimento à nossa disposição. O resto é poesia, imaginação*”. Ao mesmo tempo em que se vale de sentenças do Vedanta para ilustrar seus ensaios, Heisenberg nega a validade do caráter divino e infalível do Vedanta, como a fonte

imaculada da Verdade, afirmando que a única chave para compreender a realidade é através de experimentos sensoriais. No entanto, o verso do Vedanta-sutra sastra yonitvat samanvaya nos orienta mui claramente neste sentido: “Para conhecer a Verdade Absoluta deve-se estudar as escrituras védicas”.

Os físicos quânticos tentam demonstrar a complexidade das regras universais observando o comportamento elementar das partículas subatômicas. Ao isolar e observar algumas partículas atômicas dentro de máquinas, os físicos pensam que serão capazes de compreender o mecanismo chave de todo o universo, bem como sua natureza intrínseca e desenvolvimento, como supõe Schrodinger: *“A unidade e continuidade do Vedanta estão refletidas na unidade e continuidade das ondas mecânicas. Isso condiz inteiramente com o conceito do Vedanta do Todo na parte”.*

Ao gerar uma condição artificial, como poderão representar a realidade? Curiosamente, esse impasse foi questionado pelo próprio Heisenberg, em seu Princípio da Incerteza. Ele afirmou que, quando um físico se esforça para observar uma partícula subatômica, os equipamentos necessários para o experimento alteram inevitavelmente a trajetória das partículas. O que quer que seja utilizado para filtrar a realidade dentro da percepção do observador, seja os instrumentos, máquinas ou os próprios sentidos, já corrompem a pureza original do fenômeno em si. Max Planck também confirma isso ao declarar: *“Qualquer um que tenha se dedicado seriamente a algum trabalho científico de qualquer tipo, percebeu que à entrada dos portões do templo da ciência estão escritas as seguintes palavras: ‘Deveis ter fé’. Essa é uma qualidade indispensável para todo cientista”.*

Não obstante, todas essas declarações deveriam ter sido suficientes para tê-los feito abandonar por completo seus experimentos e se abrigarem definitivamente na tradição védica de se fazer ciência. Sim, os Vedas são científicos. Na verdade, é a única ciência legítima que existe, pois nos leva a conhecer a Verdade Absoluta. Mas por que eles não o fizeram? Porque continuaram conduzindo experimentos e teorias evasivas que nunca ajudarão a humanidade a avançar espiritualmente?

O fato é que, quando eles se apoiam em probabilidades, acabam pisando fora do campo da ciência, flutuando no meio do espaço vazio. Em seguida, ainda querem posar como filósofos ou poetas, escrevendo sobre seus delírios como se fossem o resultado das mais profundas reflexões da mente humana. Como Neils Bohr mesmo confirma: *“O mundo quântico não existe. Existe apenas uma descrição abstrata da Física quântica. É errado pensar que a tarefa da Física é descobrir como a natureza é. A Física se preocupa com o que podemos dizer sobre a natureza...”.*

O mesmo se aplica aos filósofos que, como Sócrates, fazem da declaração *“só sei que nada sei”*, a conclusão da Filosofia e da Física, que unidas, criaram a Física quântica. Na verdade, esta declaração deveria marcar o ponto de partida, não o de chegada. Se seguirmos as instruções do Vedanta, seremos capazes de conhecer muitas coisas sobre a realidade e eliminar a ignorância por completo, ao invés de continuarmos vivendo em um mundo de incertezas e especulações.

Um cientista comum é aquela pessoa que, apesar de todas as limitações dos seus sentidos, aspira investigar e conhecer aquilo que Deus mantém em segredo para a mente humana. Quando eles forem capazes de elevar suas consciências até a dimensão da alma, compreenderão que a onisciência que almejam, é um atributo exclusivo de Deus e somente quando Ele desejar, este conhecimento poderá ser revelado, como está explicado no verso do Vedanta-sutra *tarkapratisthanath*.

Os físicos modernos estão tentando em vão explorar o mundo além dos sentidos, sem admitir a presença de Deus, o qual é conhecido como *Hrishikesh*, o Mestre dos sentidos e, portanto, inúmeros conflitos e distúrbios sociais surgem em decorrência disto. Não deveríamos passar nossas vidas tentando contar estrelas no céu ou grãos de areia na praia. A vida possui um sentido mais elevado e o Vedanta-sutra o apresenta claramente desde o primeiro verso.

O Vedanta não necessita de qualquer interpretação para ser compreendido, mas devido ao seu nível intelectual altíssimo, muitos fracassam ao tentar explicá-lo corretamente e, como resultado, encontramos várias escolas oferecendo cada qual sua própria interpretação do Vedanta. Entretanto, assim como o cisne pode separar o leite misturado n'água, aquele que estiver conectado a uma sucessão discipular de mestres autorizados, poderá compreender facilmente a essência do Vedanta, através do conceito de ABA.

O conceito paradoxal de ABA é apresentado no Vedanta como sendo a sintaxe divina, o meio através do qual Deus pensa e atua em relação a quase todos os aspectos de Sua criação. Por quê? Porque a vida é um modelo tão complexo que torna a possibilidade de sua existência absurdamente rara e única, insubstituível dentre infinitas possibilidades. Para criar todo esse cenário de milagres, Deus encontrou Sua medida através do equilíbrio entre a existência e a não existência, entre a possibilidade e a impossibilidade. Então, devemos aprender a primeira lição do Quantum Vedanta: Deus é o único capaz de harmonizar paradoxos, e ali fazer Sua morada.

Quando a teoria quântica sugere que não podemos manter uma porta fechada e aberta ao mesmo tempo, isso desafia diretamente a potência divina chamada *aghatana-ghatana-patiyasi*, ou a potência de fazer o impossível possível, como já descrito no caso de ABA. Desse modo, o Vedanta que poderia dialogar com a Física quântica, é o Vedanta que aceita, harmoniza e explica os paradoxos existentes em todos os aspectos da realidade, começando pelos elétrons e culminando na própria natureza de Deus.

Mas para todos os efeitos, o Vedanta não é um livro de Física.

A Essência do Vedanta

“Assim, ele fixou sua mente, concentrando-a perfeitamente através do serviço devocional (bhaktiyoga) sem qualquer traço de materialismo. E então, pôde ver a Personalidade de Deus, junto a Sua energia externa, a qual estava sob Seu controle total. As misérias materiais da entidade viva, que são supérfluas para Ele, podem ser diretamente mitigadas pelo processo do serviço devocional (bhakti-yoga). Mas a massa de pessoas não sabe disso e, portanto, o erudito Vyasadeva compilou esta literatura védica, que apresenta a Verdade Suprema.” (Srimad Bhagavatam 1.7.4-6)

“Sempre pense em Mim e torne-se Meu devoto. Adore-Me e ofereça suas homenagens a Mim. Assim, você virá a Mim, sem falha. Eu lhe prometo isto porque você é Meu amigo muito querido.” (Bhagavad-gita 18.65)

“Pode-se compreender a Suprema Personalidade como Ele é apenas pelo serviço devocional. E quando se está em plena consciência do Supremo Senhor por essa devoção, pode-se entrar no reino de Deus.” (Bhagavad-gita 18.55)

*etāvān eva loke 'smin puṁsāṁ dharmāḥ paraḥ smṛtaḥ
bhakti-yogo bhagavati tan-nāma-grahaṇādibhiḥ*

“O serviço devocional, Bhakti-yoga, começando com o cantar do nome sagrado do Senhor, é o princípio religioso mais avançado para os seres humanos.” (Srimad Bhagavatam 6.3.22)

A Pessoa Suprema

“Você (Krishna) é a Alma Suprema, a Suprema Personalidade primordial, a Verdade Absoluta – automanifesta, sem começo ou fim. Você é eterno e infalível, perfeito e completo, sem igual e livre de toda designação material. Sua felicidade nunca pode ser obstruída, nem Você tem qualquer ligação com a contaminação material. Em verdade, Você é o néctar indestrutível da imortalidade.” (Srimad Bhagavatam 10.14.23)

“Deus tem Suas mãos e pernas em todos os lugares, olhos, orelhas, cabeças e rostos em todos os lugares; Ele abraça tudo neste mundo.” (Svetasvatara Upanishad 3.16)

“Quem é essa Pessoa, sem A qual as entidades vivas não podem sentir felicidade? Essa é a Suprema Personalidade de Deus, que deleita todas as almas.” (Taittiriya Upanishad 2.7)

“A Suprema Personalidade de Deus (Isvara) é o criador dos universos materiais. Ele é o criador de tudo que existe dentro dos universos. Ele é o pai de todas as entidades vivas. Ele é o criador do tempo. Ele é cheio de todas as virtudes transcendentais. Ele é onisciente. Ele é o mestre de pradhana (o aspecto imanifesto da natureza material). Ele é o mestre dos gunas (três modos da natureza material). Ele é o mestre das almas individuais que residem nos corpos materiais. Ele aprisiona as almas condicionadas no mundo material, e ele também Se torna o libertador deste cativeiro.” (Svetasvatara Upanishad 6.16)

“Todos os avatares são porções plenárias ou porções das porções plenárias do Senhor, mas o Senhor Sri Krishna é a Personalidade de Deus original. Sempre que há uma perturbação criada pelos ateus, o Senhor encarna para proteger os teístas.” (Srimad Bhagavatam 1.3.28)

Sri Krishna disse: “Eu sou a fonte do Brahman. Brahman é a luz dos Meus membros, a luz que emana das unhas dos dedos de Meus pés. Se não fosse pela presença do Meu corpo, como é que a luz que dEle emana, poderia existir? Não só isso, Eu sou a base da imortalidade, transcendência, paz eterna, dharma eterno e felicidade.” (Bhagavad-gita 14.27)

“Vou agora descrever o cognoscível, e se você assim o conhecer, poderá saborear a eternidade. Este é sem começo e é subordinado a Mim. Ele é chamado de Brahman, o espírito, e Se situa além da causa e efeito deste mundo material.” (Bhagavad-gita 13.13)

“Eu adoro a Suprema Personalidade de Deus, de cuja refulgência pessoal, o ilimitado brahma-jyoti se manifesta. Nesse brahma-jyoti existem inúmeros universos, e cada um é preenchido com inúmeros planetas.” (Brahma-samhita 5.40)

arupa-vat eva hi tat pradhanatvat (Sutra 3.2.14)

Arupavat significa “aparentemente sem forma”. *Rupa* significa ‘forma’, a significa ‘não’ e *vat*, ‘como’ ou ‘em comparação’. Esta palavra, portanto, também significa “não é como a forma”. O sufixo *vat* é também usado na palavra *naravat-lila*, ou seja, os passatempos de Krishna como ser humano. Seus passatempos aparecem como os de um ser humano, mas eles não são como as atividades de um ser humano. Assim, o significado de *arupa-vat* é: Não é que a forma de Deus como a divindade é como Ele. Pelo contrário, é Ele. Ele é essa própria forma. A Deidade no templo não é uma representação simbólica. É diretamente o próprio Krishna.

Arupavat não significa que Deus não tem forma. Sua Deidade não é uma representação simbólica dEle. A Divindade é diretamente o próprio Deus.

A manifestação do Senhor na forma de Sua estátua é conhecida como Vighraha. "Vī" significa especial, e "Grahan" significa que Deus aceitou esta forma. Através desta forma Ele aceita tudo o que oferecemos com devoção. No Vedanta-sutra afirma-se: *pratikena na hi sa*, ‘na forma de estátua Ele é o próprio Deus’ ou ‘Ele não é uma estátua, mas o próprio Deus’.

Deus tem forma, mas não podemos vê-Lo, assim como há manteiga clarificada (ghī) no leite, mas esta não se mostra à visão externa. Somente agitando e fervendo o leite é que o ghī irá aparecer. Da mesma forma, não podemos ver Deus neste mundo com os nossos sentidos materiais, porque Ele é *sat-cit-ananda-vighraha* – Sua forma é transcendental. Não é possível vê-Lo com nossos sentidos materiais, mas podemos vê-Lo através da Deidade ou após obter suficiente purificação por meio do sadhana, ou disciplina espiritual.

“Kṛṣṇa, que é conhecido como Govinda, é a Divindade Suprema. Seu corpo é composto de eternidade, consciência e bem-aventurança. Ele é a origem de tudo e não tem outra origem. Ele é a causa primordial de todas as causas.” (Brahma-samhita 5.1)

“Como são muito afortunados Nanda Maharaja e todos os outros habitantes de Vrindavana! Não há limite para a sua boa sorte, porque a Verdade Absoluta, a fonte da bem-aventurança transcendental, o eterno Brahman Supremo, tornou-Se seu amigo.” (Srimad Bhagavatam 10.14.32)

“Ó Verdade Absoluta, sustentadora de todos os seres vivos, Vossa face está coberta por Vossa refulgência deslumbrante como o ouro. Removei essa cobertura e mostrai-Vos a Vosso devoto puro.” (Ishopanishad 15)

Deste modo, essa refulgência impessoal de Deus encobre Seu rosto, isto é, Seu aspecto pessoal, o qual só é revelado ao devoto puro. Aqueles que não são devotos têm acesso apenas a este aspecto impessoal, no qual podem se fundir, assim como uma partícula de luz em relação ao Sol, porém sem que perca sua individualidade. No entanto,

essa fusão é temporária, pois a natureza eterna da alma de querer servir Krishna se manifestará mais cedo ou mais tarde.

“Eu sou a meta, o mantenedor, o mestre, a testemunha, a morada, o refúgio e o amigo mais querido. Eu sou a criação e a aniquilação, a base de tudo, o lugar de descanso e a semente eterna.” (Bhagavad-gita 9.18)

No Gopala-tapani Upanishad (1.54), o Senhor Brahmá mais uma vez afirma: “Portanto, o Senhor Krishna é a Suprema Personalidade de Deus.”

Dharma do Amor

É comum ouvirmos dizer que, “não sigo nenhuma instituição religiosa. Minha religião é o amor”. Mas e se as pessoas que creem nessa religião do amor decidirem se unir para celebrar e glorificar a personificação do Amor absoluto, o Amor original? E se elas quiserem se refugiar aos pés daqueles através dos quais esse Amor absoluto flui? E se elas quiserem recitar e ouvir a descrição dos passatempos amorosos do Senhor Supremo? E se elas desejarem se unir para cantar e dançar sob o êxtase desse amor? Seria isso, portanto, contrário a religião do Amor?

Bhakti significa serviço devocional amoroso. Em outras palavras, a religião do amor.

Durante o decorrer das quatro diferentes eras, essa religião do Amor encontra formas diferentes de se expressar, considerando a qualificação daqueles que vivem nessas eras.

“Seja qual for o resultado obtido em Satya-yuga, meditando sobre Visnu, em Treta-yuga por sacrifícios de fogo e em Dvapara-yuga, servindo as Deidades do Senhor, pode ser obtido em Kali-yuga simplesmente por cantar o maha-mantra Hare Krishna.” (Srimad Bhagavatam 12.3.52)

“Especialmente na Era de Kali, a penitência mais perfeita a ser executada neste mundo é o cantar do nome do Senhor Hari (Krishna). Só assim podemos satisfazer o Supremo Senhor através do canto congregacional de Seus nomes sagrados.” (Skanda Purana)

“Abandona todas as variedades de religião e simplesmente rende-te a Mim. Eu te libertarei de todas as reações pecaminosas. Não temas.” (Bhagavad-gita 18.66)

“Deve-se prestar serviço amoroso favorável ao Supremo Senhor Krishna, sem desejo de ganho pessoal e sem ser encoberto por atividades materialistas ou especulação filosófica. Isso se chama serviço devocional puro ou o mais elevado.” (Bhakti-rasamrta sindhu 1.1)

Aropha-siddha-bhakti: atividades devocionais motivadas por qualquer desejo que não tenham como finalidade última, a satisfação exclusiva de Krishna.

Sanga-siddha-bhakti: atividades associadas a bhakti, mas que não são bhakti em si, ou estar na companhia de devotos e ser confundido com um deles.

Svarūpa-siddha-bhakti: bhakti pura, atividades destinadas exclusivamente ao prazer e proveito de Krishna, desempenhadas de maneira favorável.

A Felicidade Eterna

“Quem é essa Pessoa, sem a qual as entidades vivas não podem sentir felicidade? Essa é a Suprema Personalidade de Deus, que deleita todas as almas.” (Taittiriya Upanishad 2.7)

Krishna mantém Sua criação através de diferentes níveis de relação. A primeira é **anna-maya-kosha**, ou o corpo grosseiro, que depende de alimentos para existir. Esta é uma realização materialista do Supremo.

Depois, há **prana-maya-kosha**; isso significa que depois de perceber a presença do Senhor nos alimentos, pode-se percebê-Lo nos ares vitais do corpo. Não confundir com o corpo sutil, o qual é composto de mente, inteligência e falso ego. Em seguida, **jnana-maya-kosha**, ou corpo intelectual, responsável por pensar, sentir e desejar. Depois, há **vijñana-maya-kosha** através do qual o ser individual reconhece a presença do Ser Supremo. Em seguida, **ananda-maya-kosha**, ou realização da felicidade. Deus é feliz, a fonte da felicidade, e é por isso que podemos experimentar felicidade quando nos conectamos com Ele. Esses são os cinco estágios de compreensão do Brahman, chamado *brahma puccham*.

Ainda assim, se considerarmos que no estágio final de perfeição, quando obtemos residência no mundo transcendental, podemos acrescentar a existência do **prema-maya-kosha**, nosso corpo eterno ou alma, feito de partículas transcendentais de puro amor divino, através do qual podemos interagir com Krishna. Este corpo de prema é a própria forma da alma e já não possui os diferentes níveis do corpo material, descritos acima, pois é constituído plenamente de *sat-cit-ananda*, um corpo feito de amor absoluto, única e exclusivamente para a satisfação do Senhor Supremo.

“A Suprema Personalidade de Deus é a fonte da verdadeira felicidade. Nada mais pode trazer uma felicidade real. Apenas a Suprema Personalidade de Deus pode trazer felicidade. Por esta razão, deve-se indagar sobre o Supremo.” (Chandogya Upanishad 7.25.1)

“A ocupação suprema (Dharma) para toda a humanidade é aquela pela qual, todos podem praticar o serviço devocional amoroso ao Senhor Supremo. Tal serviço devocional deve ser imotivado e ininterrupto para satisfazer completamente a alma.” (Shrimad Bhagavatam 1.2.6)

Hare Krsna Hare Krsna Krsna Krsna Hare Hare
Hare Rama Hare Rama Rama Rama Hare Hare